

PROSOCIALIDADE, INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL E GOVERNANÇA UNIVERSITÁRIA: UM CHAMADO A PARTIR DA AMÉRICA LATINA

Em tempos de incerteza, quando o excesso de informação parece obscurecer o que é essencial na vida comunitária, as universidades voltam a ocupar o centro do debate público. Não apenas pelo seu papel na criação de conhecimento, mas porque têm a responsabilidade de formar aqueles que tomarão decisões que influenciam a vida individual e coletiva.

Contudo, essa missão se torna insuficiente se se limitar apenas ao técnico ou disciplinar. Hoje, as instituições de ensino superior são chamadas a formar pessoas capazes de agir com empatia, solidariedade, dignidade e senso de justiça social.

A prosocialidade é uma das capacidades que as universidades devem cultivar com convicção. Implica ajudar sem esperar recompensa, colaborar sem obrigação, reconhecer o sofrimento do outro e escolher acompanhar em vez de ignorar. Evidências mostram que esse tipo de conduta fortalece os vínculos comunitários e está diretamente associado a melhores níveis de saúde física e mental.

Complementarmente, a inteligência espiritual – entendida como a capacidade de encontrar sentido e propósito, de perguntar “para quê” além do “como” – influencia a forma como as pessoas enfrentam a dor, tomam decisões e constroem sua identidade moral.

É curioso que a prosocialidade e a inteligência espiritual ainda não ocupem um lugar central no fazer universitário. Em muitos casos, prevalece um modelo de gestão centrado em indicadores de produtividade, creditações, rankings ou eficiência administrativa. Embora esses elementos sejam importantes para garantir padrões de qualidade, tornam-se um problema quando deslocam aquilo que constitui a essência da missão universitária: o desenvolvimento integral da pessoa.

Na América Latina, esse desafio adquire uma dimensão concreta. A região enfrenta desigualdades persistentes, lacunas de acesso, limitações de financiamento da ciência e uma pressão crescente para demonstrar produtividade sob modelos de avaliação importados. A governança universitária latino-americana precisa considerar esse contexto, porque a formação de agentes de mudança em nossos países não pode se basear apenas em resultados mensuráveis de curto prazo, mas em decisões estratégicas que promovam bem-estar social e desenvolvimento sustentável. A *Interciencia*, desde sua fundação, tem sustentado precisamente essa convicção: impulsionar uma ciência latino-americana que contribua para o desenvolvimento humano sustentável, além de métricas e rankings.

Governar uma universidade não consiste apenas em administrar recursos ou planejar orçamentos. Trata-se de tomar decisões que afetam a vida de estudantes, professores, trabalhadores e comunidades; trata-se de definir quais valores são priorizados, quais são negociados e quais não estão à venda. Pensar a governança a partir da prosocialidade e da inteligência espiritual supõe favorecer processos de decisão centrados no sentido, no diálogo e no bem comum. Uma universidade que não escuta, que administra sem refletir ou dialogar, enfraquece sua legitimidade social e fragmenta seu próprio ecossistema institucional.

A transformação não depende apenas de novos regulamentos ou comissões. Ela começa, sobretudo, no estilo de liderança. As instituições exigem autoridades tecnicamente competentes, mas também moralmente conscientes: com autoconhecimento, humildade e capacidade de escuta. Liderar a partir da inteligência espiritual significa compreender que a autoridade não se impõe, mas se constrói a partir da coerência e do serviço.

Da mesma forma, incluir uma disciplina de ética, sustentabilidade ou responsabilidade social não garante, por si só, a formação de profissionais íntegros. É necessário revisar metodologias, experiências pedagógicas e contextos formativos que permitam integrar a prosocialidade e a inteligência espiritual em cada disciplina. O conhecimento sem consciência pode ser útil, mas não necessariamente bom. Formar especialistas sem empatia pode tornar as instituições mais eficientes, mas também mais desumanizadas.

As universidades devem transcender seus próprios muros, e não apenas pesquisar para produzir artigos, mas para transformar vidas. Isso implica comprometer-se com problemas reais: pobreza, saúde mental, crise ambiental, solidão e exclusão. Não se trata de idealizar ou exigir perfeição, mas de lembrar a essência de sua existência: ser um espaço onde se pensa e também se sente; onde se ensina, mas também onde se aprende a conviver; onde o saber e a ética não seguem caminhos separados. A prosocialidade e a inteligência espiritual não são adições decorativas nem discursos efêmeros, mas condições necessárias para que o ensino superior continue sendo um ato de esperança e de construção de um futuro sustentável.

DR. PEDRO SEVERINO-GONZÁLEZ
Universidad Católica del Maule. Chile